

A TEORIA ETNOARQUEOLÓGICA: UM DEBATE DO ESTILO

Angelo Inácio Pohl*

RESUMO

Esse artigo apresenta um breve panorama do debate existente na etnoarqueologia sobre a questão do conceito de estilo, especificamente nesse caso, o estilo iconológico e o estilo isocréstico, e sua aplicação na interpretação da variedade de artefatos no registro arqueológico, pois, há um bom tempo, se fazem presentes discussões entre arqueólogos e etnoarqueólogos sobre esse assunto. É possível afirmar que tais diferenças ainda deverão perdurar por um razoável lapso de tempo, devido à profundidade das divergências e a ampla possibilidade de interpretações existentes.

Palavras-chave: Etnoarqueologia, Estilo Arqueologia.

ABSTRACT

This article presents a brief overview of the existing debate on the issue in ethnoarchaeology the concept of style, specifically in this case, the iconological style and isocrestic style, and its application in the interpretation of the variety of artifacts in the archaeological record, because for a long time, are present discussions among archaeologists and ethnoarchaeologists on this subject. It can be argued that such differences should still last a reasonable period of time due to the depth of the divergences and the existence of broad possibility of interpretations.

Key-words: Ethnoarchaeology, Style, Archeology.

Atualmente, é possível constatar um intenso debate a respeito da etnoarqueologia, no tocante à questão do conceito de estilo e sua aplicabilidade para a interpretação da variabilidade artefactual no registro arqueológico, pois este provoca, há um bom tempo, tensas e animadas discussões entre arqueólogos e etnoarqueólogos (Sackett, 1991).

* Especialista em Arqueologia, em História do Brasil, em Pensamento Político Brasileiro e Mestre em Integração Latino-Americana.

Pode-se dizer que ainda se está muito distante de uma convergência entre o conceito de estilo e sua aplicação para a ciência arqueológica, devido à ampla gama de interpretações que o tema pode gerar (David & Kramer, 2001; Hegemon, 1998). Afinal, para David & Kramer seria:

(...) the concept and functions of style should have been the subject of intense debate in Anglo-American archaeological and ethnoarchaeological literature since 1977, a seminal year in which James Sackett proposed a general model to style and Martin Wobst that style is a mode of information exchange; (...) Lechtman introduced the notion of technological style, and Ian Hodder (...) published the first of his essays on the material culture of the tribes of the Baringo district in Kenya” (David & Kramer, 2001, 169)¹.

Conforme os citados autores, uma característica oriunda deste debate tem sido a criação de vários tipos de conceitos de estilos e com pouquíssimos pontos em comum, pois “*(...) the study of style forces archaeologists to wrestle with complex social concepts*” (Hegemon, 1998, p. 266). Ainda, conforme Hegemon, estilo envolve escolhas dentre várias alternativas e o que caracterizaria a sua especificidade e sua singularidade e que possui alguns pontos básicos em comum dentre vários autores é que estilo é peculiar em um tempo e em um lugar (Sackett, 1990; Wiessner, 1991; Carr, 1995; Roe, 1995).

Contudo, apesar de haver convergências dos conceitos de escolhas, particularidade espacial e temporal, percebe-se uma distância entre as abordagens dos autores citados, pois estilo pode significar delimitação de fronteiras étnicas, etnicidade, identidade coletiva, entre outras.

Pode-se também argumentar que estas divergências a respeito do conceito de estilo estão focadas nos pressupostos teórico-metodológicos que os autores assumem, porém, acredita-se que, para a melhor compreensão e elucidação dessa situação, é importante trabalhar-se com o significado com o qual o autor se identifica, dentro deste grupo apresentado.

É possível verificar que, um dos principais problemas que atingem os pesquisadores que enfocam a variabilidade estilística como um processo da dinâmica cultural, insere-se na divergência entre as pesquisas em sociedades vivas (etnoarqueologia) (Wiessner, 1991; Dietler & Herbich, 1989) e as pesquisas das sociedades extintas, focando os estudos de estilo

¹ (...) o conceito e as funções do estilo deveriam ter sido o assunto de intenso debate no contexto anglo-americano arqueológico e da literatura da etnoarqueologia desde 1977, um ano seminal no qual James Sackett propôs um modelo geral e Martin Wobst nomeou que estilo é um modo de troca de informação; (...) Lechtman introduziu a noção de estilo tecnológico, e Ian Hodder (...) publicou a primeira das composições dele da cultura material das tribos do distrito de Baringo no Quênia.

apenas na cultura material (Sackett, 1982).

Para David & Kramer, a resposta seria: “(...) *is in fact always constructed by the observer, who may will misinterpret a message, or read meaning into formal variation when none was intended by the marker (...)*” (David & Kramer, 2001, p. 173)².

Desta forma, fica explícita a maneira com que os pesquisadores abordam a noção de estilo, ou seja, própria a sua realidade teórica e epistemológica.

Outro embate que existe entre pesquisadores do conceito “estilo” diz respeito à dicotomia ou à unidade entre estilo e função, no qual Binford (1989) é adepto da dicotomia e Sackett (1977, 1991) é o fiel defensor da unidade.

Estas duas escolas, lideradas pelos seus respectivos pesquisadores, irão criar pontos de vista altamente incongruentes entre eles. Para Binford, o estilo será visto como um acessório da manufatura, com sendo adjunto e remetendo ao simbólico. Para Sackett, o estilo é subjacente e inerente a todos os aspectos técnicos da produção.

A seguir, uma breve apresentação destes dois conceitos que foram definidos por Sackett (1982) como sendo estilo iconológico e estilo isocréstico.

A ESCOLA ICONOLÓGICA

Pode-se dizer que a escola iconológica é dependente do processualismo e busca compreender a variabilidade estilística somente a partir dos aspectos simbólicos, ou seja, como algo adjunto, não demonstrando nenhuma forma adaptacional, esta indispensável para demonstrar como ocorrem as mudanças no passado, conforme Binford.

Para esse autor, o artefato terá um estilo apenas para socializar um simbolismo e criar uma certa identidade grupal, construindo assim um estilo ativo, no qual o artesão produzirá intencionalmente características estilísticas para diferenciá-los enquanto representação grupal ou individual, mas com nenhum valor utilitário e funcional. Com isso, para Binford (1989) o estilo não está presente nos aspectos funcionais do artefato.

Dunnell (1978) irá demonstrar que estilo é altamente dicotômico a função, pois para ele “*Style denotes those forms that do not have detectable selective values. Function is manifest as those forms that directly affect the Darwinian fitness of the populations in which they*

² (...) é construído na realidade sempre pelo observador que pode interpretar mal uma mensagem, ou o significado erudito em variação formal quando não era planejado pelo observador (...)

occur” (Dunnell, 1978, 199)³.

Contudo, Binford (1989) explicará as relevâncias dos aspectos funcionais para compreender a variabilidade entre os assentamentos e não os aspectos estilísticos, pois estes não demonstram valores de adaptabilidade e são vistos apenas como valores adjuntos.

Acredita-se que, para uma melhor compreensão e entendimento dos pressupostos de Binford (1989), deve-se ter em mente que a variabilidade funcional dos artefatos está inserida nos aspectos tecno-econômico, sócio-técnico e ideo-técnico; contudo a funcionalidade só é percebida em contextos primários. Este pesquisador procurou demonstrar que o estilo está nos três aspectos, porém, sem ter participação na forma e na função dos artefatos.

Binford (1989) enfatiza que a variabilidade só é apreendida a partir dos aspectos adaptativos e não a partir de escolhas culturais como propõe Sackett, pois, cultura, para Binford é:

Culture is mankind's extrasomatic means of adaptation, and seeing it only as a conservative, stability-fostering phenomenon does not help us to understand its variability or its changes. Functional variability for me always has implications, and the contexts of selection can be expected to crosscut and frequently to vary independently of the “social identities” of the actors and, more importantly, may actually be a causal agent in ethnogenesis (BINFORD, 1989, 62)⁴.

Fica claro em grande parte dos textos desse autor, que a dinâmica cultural vivenciada pelos grupos da pré-história está intimamente relacionada à visão extra-somática ao ambiente (em todos os seus aspectos, inclusive cultural) e também na formulação de leis para compreender os seus respectivos assentamentos.

Ele dirige a sua atenção para a formação do registro arqueológico e demonstra mudanças vividas por grupos da pré-história que fogem da habitual “readaptação”, e enfrentam novas transformações climáticas, por exemplo, e conseqüentemente produzem artefatos formalmente distintos e pertencentes a uma mesma cultura arqueológica, que não são constatadas pela escola isocrética:

³ Estilo denota essas formas que não têm valores seletivos. Função é manifestada como essas formas que diretamente afetam a aptidão Darwiniana das populações nas quais eles acontecem.

⁴ Cultura significa o extrassomático ou adaptação, e só vendo isto como um observador é que a estabilidade-como um fenômeno não nos ajuda a entender sua variabilidade ou suas mudanças. Variabilidade funcional para mim sempre tem implicações, e podem ser esperados os contextos de seleção e frequentemente variar independentemente das "identidades sociais" dos atores e, mais importante, pode ser de fato um agente causal da ethnogenesis.

It appears much more likely that the "isochrestic" variability in scraper design is varying with changing organizational contexts of persons responding differentially to the dynamics of their environment. In this instance I think a very strong case can be made for isochrestic variability in Sackett's sense being not the result of ethnic choices but representing functional variability in the organizational dynamics of a single cultural system. This position was not drawn because of an irrational choice made by me as to the nature of style (BINFORD, 1989, 60)⁵.

Portanto, como visto acima, o autor justifica a incapacidade dos modelos estilísticos para compreender os contextos primários ou organizacionais e seus aspectos funcionais que ocorreram no passado.

Binford (1989), em resposta à escola isocrética de Sackett, irá questionar como os adeptos desta corrente interpretam e reconhecem as alternativas escolhidas pelos artesãos, criticando assim, o fulcro de pesquisa desta escola, ou seja, o ensino-aprendizagem.

Para Binford, nunca se encontrariam respostas para tais perguntas, pois a variabilidade artefactual, percebida pelo arqueólogo no registro arqueológico, na maioria das vezes não é determinada por mudanças culturais, mas por respostas extra-somáticas.

Portanto, fica evidente que Binford não consegue romper com os pressupostos teóricos do processualismo e busca interpretar o estilo apenas como uma forma adjunta, pois para o autor o registro arqueológico apenas pode ser abordado por aspectos funcionais, adaptativos e ecológicos e ainda quanto às escolhas tão priorizadas por Sackett: *"For Sackett, functional variability appears irrelevant to understanding cultural variability and, more importantly, variability as presented to us in archaeological record (...)"*(Binford, 1989, 63)⁶.

Por conseguinte, deve-se levar em consideração (conforme Binford), a capacidade de organização cultural diante de novas situações ambientais, o que é descartado pelo isocretismo de Sackett e que, apenas assim será possível atestar e compreender a dinâmica cultural do passado.

⁵ Parece muito mais provável que a variabilidade do "isocretismo" muda contextos organizacionais de pessoas que respondem diferentemente à dinâmica do ambiente deles/delas. Neste exemplo, penso em um caso muito forte onde pode ser na verdade o que Sackett diz que não é o resultado de escolhas étnicas, mas variabilidade funcional representando na dinâmica organizacional de um único sistema cultural. Esta posição não era tirada por causa de uma escolha irracional feita por mim sobre a natureza de estilo.

⁶ Para Sackett, a variabilidade funcional aparece como irrelevante e entender variabilidade cultural é mais importante do que a variabilidade como apresentado por nós no registro arqueológico (...)

A ESCOLA ISOCRÉTICA

A escola isocrética tem como principal expoente teórico o pesquisador James Sackett, que demonstrou em suas pesquisas e, conseqüentemente em seus resultados, a variabilidade artefactual como resultante estilístico.

É possível dizer que a variação (variabilidade) estilística, para Sackett, está presente na escolha da matéria-prima na qual o artefato será produzido, nas técnicas de elaboração, na gama de opções (impostas pela tradição) para produzir instrumentos e também nos atributos para a utilização dos instrumentos e, por último, o descarte ou as estratégias de reciclagem das peças.

Portanto, para o autor, estilo é uma maneira peculiar de produzir instrumentos ou artefatos em um determinado tempo e espaço, além de diagnosticar etnicidade.

Para Sackett, estilo e função são vistos como indissociáveis, pois “(...) *once the efforts of postdepositional alteration have been accounted for share equal responsibility for all formal variability observable in artefacts (...)*” (Sackett, 1982, p. 68)⁷.

A partir das perspectivas de Sackett, a variabilidade estilística não se restringe apenas ao resultado morfológico dos artefatos, mas a todas as etapas do processo, na qual uma determinada estratégia de reciclagem de artefatos ofereceria resultados de etnicidade, devido às interações sociais reguladas por tradições culturais e conhecimentos técnicos etc.

Neste aspecto, este autor demonstrará a relação entre estilo e função como sendo ativo e passivo. A função está ligada ao resultado ativo, pois atende a um determinado fim; enquanto estilo, diz respeito à passividade e caracterizaria o espaço e o contexto histórico. Porém, como já visto anteriormente, esta dicotomia entre estilo e função para Sackett não é percebida de maneira excludente um do outro e vice-versa.

Dentro do modelo isocrético de Sackett é evidente que estilo representa etnicidade, pois sociedades distintas na maioria das vezes não poderiam fazer escolhas idênticas (esta afirmação remeteria às graduações de fato de Gourhan, nas quais cada cultura possui sua particularização provocando assim a diversidade cultural e étnica), pois as escolhas são reguladas por tradições tecnológicas e culturais que permeiam coletivamente dadas sociedades.

⁷ (...) uma vez os esforços de alteração de pós-depositional foram inseridos para fazer parte da responsabilidade da variabilidade como um todo formal observável nos artefatos.

Portanto, Sackett (1982) afirma que os conjuntos de artefatos que despertam uma certa impressão de familiaridade tecnológica representam em um determinado tempo e espaço sinais de identidade étnicas.

Style enters the pictures when we see that the artisans of any given fraternity (or soroty) are aware of only a few, and often choose but one, of the isochrestic options potentially available to them performing any given task, and that the choices they make are largely dictated by the techonological traditions within which they have been enculturated as members of the social groups that delineate their ethnicity (Sackett, 1991, 33)⁸.

Conforme este autor, as escolhas técnicas que grupos pré-históricos fazem dentro de sua gama de opções culturais irá ser específica de um horizonte espacial e cronológico, por isso as alternativas estarão inseridas dentro dos conhecimentos técnicos e implicitamente relacionados ao processo cognitivo de ensino-aprendizagem e de saber-fazer; ou seja, o artesão a cada novo problema técnico não produzirá nova maneira de elaborar o artefato, mas buscará soluções dentro das opções dispostas por sua tradição. *“Isochrestic variation in material culture that is a socially bounded in this manner is consequently diagnostic or idiomatic of ethnicity, and it is such variation that we perceive as style”* (Sackett, 1991, p. 33)⁹.

Sackett afirma que a variabilidade isocrética está munida de etnicidade, pois todas as escolhas (aqui entendidas em sua acepção mais ampla) são respostas que pertencem à esfera da cultura e, por isso, presentes na vida social.

Também em Sackett se verifica que o isocretismo trabalha com escolhas culturais que resultam em construções de organizações tecnológicas e culturais como fatores diagnósticos, ou seja, tradições culturais e tecnológicas dificilmente se pareceriam entre grupos sem relações sociais de contato, por exemplo.

Outro ponto que gerou debates entre estudiosos da variabilidade estilística está focado na discussão entre a intencionalidade do artesão em produzir estilo, apresentando uma discórdia entre Sackett e Wiessner, ou seja, o estilo é passivo ou ativo?

⁸ Estilo entra nos quadros quando nós vemos que os artesãos de qualquer determinado grupo está atento a apenas em alguns, e frequentemente escolhe mais uma das opções do isocretismo potencialmente disponível para eles executando qualquer determinada tarefa, e que as escolhidas são largamente ditadas pelas tradições tecnológicas dentro das quais eles foram aculturados como sócios dos grupos sociais que delineiam a etnicidade deles/delas (Sackett, 1991).

⁹ Variação de Isocretismo na cultura material que é socialmente amplo desta maneira, é consequentemente diagnóstico ou idiomático de etnicidade, e é tal variação que nós percebemos como estilo" (Sackett, 1991, 33).

Para Polly Wiessner, que realizou pesquisas procurando compreender as relações intra e inter-grupos a partir dos estudos das pontas de projétil dos SAN do Kalahari, estilo é: “*The definition of style that I will use here is formal variation in material culture that transmits information about personal and social identity*” (Wiessner, 1983, p. 256).¹⁰

Assim, fica evidente para Wiessner que o estilo reside apenas na intencionalidade consciente de gerar informação, seja este uma maneira de integração coletiva e grupal ou uma representação individual.

Segundo Wiessner, a transmissão da identidade (a partir da constatação da intencionalidade em produzir estilo) e a informação que esta pode significar pode ser medida pelo que a autora chamou de estilo emblêmico e assertivo, surgindo conseqüentemente uma espécie de diferenciação social intra e inter-grupos, como acima citado.

O estilo emblêmico, em Wiessner, será aquele constatado e que reside na cultura material para identificar grupos diferentes e que também irá gerar identidade grupal, na qual o artesão está inserido como sujeito de uma coletividade (sociedade).

The first aspect of style I will call emblematic style, that is, formal variation in material culture that has a distinct referent and transmits a clear message to a defined target population (...) about conscious affiliation or identity, such as an emblem or a flag (...) Because it carries a distinct message, emblematic style should undergo strong selection for uniformity and clarity (...), and because it marks and maintains boundaries, it should be distinguishable archaeologically by uniformity within its realm of function (Wiessner, 1983, 257)¹¹.

Já o estilo assertivo traz na cultura material a informação sobre a identidade individual do artesão, pois segundo Wiessner:

Assertive style is formal variation in material culture which is personally based and which carries information supporting individual identity by separating persons from similar others as well as by giving personal translations of membership in various groups (...) (Wiessner, 1983, 258)¹².

¹⁰ A definição de estilo que usamos aqui é a variação formal da cultura material, que transmite informação sobre identidade pessoal e social (Wiessner, 1983, 256).

¹¹ O primeiro aspecto de estilo que eu chamarei de emblêmico nomeia, quer dizer, variação formal da cultura material que tem uma referência distinta e transmite uma mensagem clara a uma população designada definida (...) sobre afiliação consciente ou identidade, como um emblema ou uma bandeira (...) Porque leva uma mensagem distinta, estilo emblêmico deveria sofrer uma forte seleção para uniformidade e clareza (...), e porque isto mantém os limites, deveria ser arqueologicamente distinguível por uniformidade dentro de seu reino da função (Wiessner, 1983, 257)

¹² Estilo afirmativo é a variação formal da cultura material que é pessoalmente baseada e que leva informação que se apoia na identidade individual separando as pessoas de outros semelhantes como também dando traduções pessoais de sociedade em vários grupos (...) (Wiessner, 1983, 258).

Portanto, para a autora, os estilos emblemático e assertivo podem estar concomitantemente em um mesmo artefato, porém, com representações singulares, seja ele responsável para transmitir informações de fronteiras entre grupos ou sobre a individualidade do artesão.

Por fim, é importante explicitar que, conforme as propostas de Sackett, o caráter estilístico não é percebido em uma parte específica do objeto, mas a partir de escolhas que serão demonstradas como sendo sinais de etnicidade.

CONCLUSÃO

Os significados dos diferentes estilos presentes nos artefatos podem ser atribuídos a inúmeros fatores, e investigados a partir de diferentes escolas analíticas.

Fica claro que o entendimento da variação estilística apresentada nos artefatos, consignada no estilo e na função, é função direta da abordagem teórico-metodológica aplicada ao estudo destes materiais.

Com base nessa premissa, faz-se presente uma intensa discussão em torno dos conceitos e das aplicações de atributos estilísticos e funcionais adequados à tipologia e à classificação.

Os paradigmas de estilo e de suas categorias estão inseridos dentro de inúmeras perspectivas, defendidas por vários autores, tais como: Sackett, 1977; Binford, 1989; Franklin, 1989; Wiessner, 1991, entre outros.

Neste âmbito de discussão, os significados da diversidade de estilos apresentam abordagens diferenciadas e, em alguns momentos, conflitantes.

Essa variação do estilo no artefato é explicada pela Arqueologia evolutiva como uma transformação, advinda da própria evolução do produto, durante a qual os atributos funcionais ficam submetidos a uma espécie de seleção, em muitos casos dita aleatória, sustentando a concepção de que os estilos são caracterizados a partir de um longo período de variação.

No tocante à perspectiva tecnológica, essa variação nos estilos estaria subjacente nas próprias escolhas tecnológicas ou culturais, buscando adequá-los às necessidades de uma determinada sociedade inserida em um certo contexto temporal e espacial. Essa argumentação está embasada em uma percepção tecnológica, na qual o estilo é inerente, não se manifesta claramente, nos processos de produção dos artefatos.

Com certeza, essas discussões ainda perdurarão por muito tempo, possibilitando a partir das mesmas, a construção do conhecimento a partir de bases consistentes e com diálogo permanente, fundamental para o desenvolvimento da pesquisa científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Michael Vannoy. **The Mythological Unconscious**. Karnac: New York, London, 2001.
- BATALHA, Guilherme Bonfil. La teoria del control cultural en estudio de procesos étnicos. In: **Arinsana**, nº 10, Caracas, 1989.
- BINFORD, L. R. "Archaeology as anthropology". **An archaeological perspective**. New York: Seminar Press. P. 20-32, 1972.
- BINFORD, L. R. Organization and Formation process: Looking at curated technologies. In: **Journal of anthropological research**. [S. l.: s.n.], cap. 3, p. 255-277, 1979.
- BINFORD, L. R. Styles of Styles. In: **Journal of Anthropological Archaeology**. cap. 8, p. 51-67, 1989.
- CARR, C. Building a Unified Middle-Range Theory of Artifact Design. Historical Perspectives and Tactics. In: CARR, C; NEITZEL, J. E. **Style, Society and Persons**. Archeological and Ethnological Perspectives. New York: Plenum, p. 151-170, 1995.
- DAVID, N & KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in Action**. Cambridge: University Press. 2001.
- DEVEREUX, G. **Essais d'Ethnopsychiatrie générale**. Paris: Ed. Gallimard, 1977
- DIETLER, M & HERBICH, I. The Technology of Luo Pottery Production and the Definition of Ceramic Style. **World Archaeology**. . [S. l.: s.n.] , v. 21, cap. 1, p. 148-164. 1989.
- DÍEZ, G. M. José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: Um caso de etnoarqueologia. **Estudos Pré-Históricos**. [S.L.]: Viseu. Cap. 10 e cap. 11, p. 199-223. 2003.
- DUNNEL, R.C. Style and Function: A Fundamental Dichotomy. **American antiquity**, [S. l.: s.n.], v. 43, cap. 2, p.192-202. 1978.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- HEGMON, M. Technology, Style, and Social Practices: Archaeological Approaches. In: M. Stark (Ed.). **The Archeology of Social Boundaries**. Washington: Smithsonian Institution Press. 1998.
- JOHNSOM, Matthew. **Teoria Arqueológica**. 1. ed. Espanha: Ariel Historia, 2000.
- KRAMER, C. "Introduction". **Ethnoarchaeology. Implications of ethnography to archaeology**. New York: Columbia University y Press, p. 1-20. 1979.
- REEDY, C.L. & REEDY, T.J. Relating Visual and Technological Styles in Tibetan Sculpture Analysis. **World Archaeology**. [S. l.: s.n.], v. 25, cap. 3, p. 304-320. 1994.
- REID, A. & MACLEAN, R. Symbolism and the Social Contexts of Iron Production in Karagwe. **World Archaeology**. [S. l.: s.n.], v.27, cap. 1. p. 144-161. 1995.
- SACKET, J.R. The meaning of style in Archaeology: A general model. **American Antiquity**. [S. l.: s.n.], v. 42, cap. 3. p. 369-380. 1977.

- SACKET, J.R. Style and Ethnicity in Archaeology: the case for Isochrestism. In: CONKEY, M; HASTORF C. (Eds). **The uses of Style in Archaeology**. Cambridge: University Press, p. 32-43. 1991.
- SACKET, J.R. Approaches to style in lithic archaeology. **Journal of anthropological archaeology**. [S. l.: s.n.], v. 1, p. 59-112. 1982.
- SHIFFER, M. B. & SKIBO, J. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, [S. l.: s.n.], v. 62, cap. 1. p. 27-50. 1997.
- TRIGGER, Bruce G. Além da História: os métodos da Pré-História. São Paulo: EPU/ USP, 1973. In: SCHIAVETTO, Solange Nunes de O. **A arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena**. São Paulo: Annablume, 2002.
- TRIGGER, B. G. **A history of archaeological thought**. Cambridge: University Press. 1989.
- WATSON, P. J. **The idea of Ethnoarchaeology. Notes and comments. Ethnoarchaeology. Implications of ethnography to archaeology (C. Kramer ed.)**, New York: Columbia University Press, p. 277-287. 1979.
- WIESSNER, P. Style and Social Information in Kalahari San projectile Points. **American Antiquity**, CIDADE: EDITORA, v. 48, cap. 2. p. 253-276. 1983.
- WIESSNER, P. Is there a unity to style? In: M. Conkey; C. Hastorf (Eds.) **The uses of Style in Archaeology**. Cambridge: University Press, p. 105-112. 1991.
- WHITTAKER, J. C.; Caulkins, D. & Kamp, K. A. Evaluating Consistency in Typology and Classification. **Journal of Archaeological Method and Theory**, [S. l.: s.n.], v. 5, n.2, p. 129-164, 1998.